

É TAREFA DAS ORGANIZAÇÕES A SESSÃO INAUGURAL da Acção Católica Universitária

preparar para a Igreja e para a Pátria apóstolos cujo pensamento se deprime apenas da verdade

— proclama PÍO XII na mensagem dirigida aos congressistas, aos quais dá a sua Bênção Paternal



PÍO XII

Como primeiro acto do Congresso da J. U. C. ontem à noite inaugurado no Instituto Superior Técnico, foi lida uma mensagem que por intermédio da Secretaria de Estado do Vaticano, Sua Santidade o Papa Pio XII enviou ao Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro, presidente da Acção Católica Portuguesa, dirigida aos congressistas.

Eis o teor da mensagem:

Vaticano, 9 de Abril de 1953

Excelência:

Na véspera do primeiro Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, masculina e feminina, de Portugal, o Soberano Pontífice compraz-se em responder ao vosso filial pedido dirigido a todos esses queridos jovens reunidos em Lisboa os Seus votos paternais.

«O pensamento católico e a Universidade», tal será o tema desta assembleia, que se realizará sob o patrocínio do Episcopado Português, com a participação de professores das três Universidades do País. Uns após outros serão aí versados os múltiplos problemas que hoje põem a consciência dos estudantes a penetração e a irradiação da fé cristã em todo o seu pensamento e em toda a sua vida.

Neste tempo pascal, em que a Igreja celebra a Ressurreição do Salvador, garantia de uma fé inquebrantável e princípio de um alento apostólico sempre novo, os jovens congressistas gostarão de reflectir, com lucidez e confiança, nas suas obrigações intelectuais, nos seus deveres morais, nas suas responsabilidades sociais. Não serão aliás guiados neste estudo pelas orientações que Sua Santidade há poucos meses dirigia de um modo particular aos membros do Congresso Internacional de Paz Romana?

O apostolado intelectual é difícil. Tanto como qualquer outro é estéril sem a graça haurida na oração e na frequência assídua dos Sacramentos; mais que muitos outros, exige a autoridade de uma competência pessoal, muitas vezes adquirida a preço de obscuras e pacíficas fadigas. É tarefa das Organizações da Acção Católica Universitária preparar para a Igreja e para a Pátria tais apóstolos, cujo pensamento, humilde e firme, se deprime apenas da verdade e cujo coração se abra largamente às necessidades espirituais e temporais de seus irmãos.

Confiando pois de todo o coração á maternal intercessão de Nossa Senhora do Fátima o futuro dos movimentos católicos da juventude académica portuguesa, o Santo Padre concede a Vossa Excelência e a todos os que participam neste primeiro Congresso Nacional uma paternalíssima Bênção Apostólica.

Queira aceitar, Excelência, a expressão dos meus mais devotados sentimentos em Nosso Senhor.

a) J. B. MONTINI

Proseer.



fectuada ontem à noite no Instituto Superior Técnico presidiu o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa e assistiram o ministro da Educação Nacional Prelados e professores universitários e cerca de dois mil congressistas

Constituiu verdadeiro acontecimento nos meios intelectuais, a sessão inaugural do I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, realizada ontem à noite num dos salões do I. S. T.

Mais de duas mil pessoas assistiram àquela sessão à qual presidiu Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, ladeado à direita pelos Senhores Arcebispo de Mitilene, Mons. Moreira, da Nunciatura; Bernard Ducret, secretário-geral do Movimento Internacional dos Estudantes Católicos «Pax Romana»; e D. Maria de Lurdes Pintasilgo; e à esquerda, os srs. Ministro da Educação Nacional; prof. Beliard da Fonseca, director do I. S. T.; prof. Fernando Magano, vice-reitor da Universidade do Porto e Dr. Adérito Nunes.

Prelados portugueses que assistem ao Congresso

Na primeira fila de cadeiras viam-se os Senhores Arcebispos de Evora e de Coimbra; Bispo do Porto, de Beja, de Priene, de Euzela e Auxiliar de Aveiro.

A retaguarda dos Prelados, em longas filas de cadeiras, ostentando as suas insígnias universitárias, viam-se entre outros professores catedráticos, os srs. André Navarro, Cordeiro Ramos, Gomes da Silva, Joaquim Fontes, Lopes de Andrade, Cassiano Abranches, Magalhães Ilharco, Amândio Tavares, Gonçalves Rodrigues, Moses Amzalak, Gabriel Pinto Coelho, Fernando Marques, Santos Júnior, Braga da Cruz, Correia de Barros, Toscano Rico, Ivo Soares, D. Manuel de Bragança, Carlos Braga, Almeida Costa, Rios de Sousa, D. Leopoldina Paulo, Brito e Cunha, Morel-

Foram dirigidos telegramas saudando Pio XII e o Chefe do Estado

ra de Sá, Pires Cardoso e os representantes da Universidade de Madrid.

Depois, encheram literalmente o vasto salão, congressistas e individualidades de destaque nos meios intelectuais portugueses.

Uma mensagem do Santo Padre

Logo ao abrir da sessão, o sr. Dr. Adérito Nunes, presidente-geral da J. U. C. leu a mensagem que o Santo Padre se dignou enviar ao Congresso e que publicamos em lugar de relevo. No final, a assistência de pé, aclamou brilhantemente o Papa.

Telegramas enviados a Sua Santidade e ao Chefe do Estado

Seguidamente foram lidos os seguintes telegramas:

A Sua Santidade o Papa Pio XII — Cidade do Vaticano.

Continua na 6.ª pág., 4.ª col.

EXPOSIÇÃO de Arquitectura Religiosa Contemporânea

Inaugura-se hoje a Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea, a que o nosso jornal já fez referência. A exposição estará patente na Galeria de S. Nicolau, anexo à Igreja do mesmo nome, em plena Baixa, todos os dias das 11 às 20 horas. A realização deste certame está a desportar o mais vivo interesse nos meios artísticos e religiosos, dadas as características inéditas que os seus organizadores lhe imprimiram. A objectividade das críticas feitas, o desassombro das afirmações, o interesse dos documentos apresentados e a oportunidade do assunto contribuirão certamente para dar a esta iniciativa o relevo que o tema exige.



Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa

O vosso lema é servir a Igreja — declarou o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira ao lembrar aos universitários as suas responsabilidades sociais

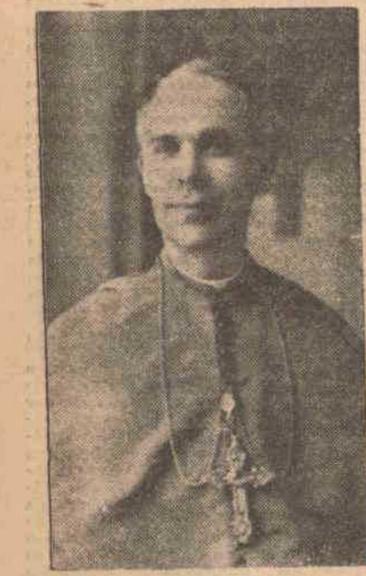


— Ao encerrar a sessão inaugural do Congresso o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa pronunciou algumas palavras sobre a responsabilidade que na vida social têm os universitários católicos cujo lema é servir a Igreja. Abre magnificamente — disse — este primeiro Congresso de Universitários Católicos. Abre com a bênção do Vigário de Cristo, com a presença do sr. Ministro da Educação, alto representante do Estado que tem como fundamento e origem de toda a sua estrutura a moral Católica.

— Tem o apoio carinhoso das autoridades universitárias e de tantos e tão brilhantes professores da nossa Universidade. E tem principalmente a presença desta heroica e magnífica mocidade universitária.

O Senhor Cardeal Patriarca referiu-se depois ao lema do Congresso — «Estar presente, servir a Igreja» — cuja alta significação exaltou, para continuar:

Segue na 5.ª pág., 2.ª col.



D. Manuel Trindade Salgueiro, Venerando Arcebispo de Mitilene

«Por graça de Deus, que não por natureza, cada homem é peregrino do infinito, que em sua alma se traduz por sede de imortalidade, de felicidade e de perfeição. E efêmero, e deseja viver perpetuamente; sofre a inquietação de preocupações atormentadas e de dores angustiosas e busca ansiosamente a luz serena da paz e do amor; sente o peso dos seus defeitos e das suas defecções, e conserva ainda o sentido das grandes virtudes que fazem o herói e, mais ainda, criam o santo. Por isso já se escreveu que, antes de ser sábio e antes de ser filósofo, o homem foi religioso.

Todavia, facilmente o homem desconhece, despreza ou desdenha a nobreza sobrenatural da sua origem e do seu destino, para vegetar em vida soturna de caprichos e de paixões, como se não brilhassem estrelas no céu, como se Deus não existisse.

Fronteiras da Ciência e da Fé

Conhece-se o desvaio do cientismo que, deslumbrado pelo clarão de invenções retumbantes, proclamou como axiomas do universo a falência

Para além do Congresso abre-se um mundo novo — Abnegada foi a sementeira — Por Deus será abundante o messe promissora — afirmou o Senhor Arcebispo de Mitilene

da metafísica e da religião, consideradas generosamente sonhos infantis da humanidade ignara. Depois, foi a reacção contra a exaltação delirante, analisando-se com fria objectividade a vida em todos os seus aspectos.

No ardor do combate, algumas vezes se registaram ataques imprudentes, como aquele de Brunetière que,

reconhecendo a impotência dos sábios para resolver graves, dolorosos problemas do mundo e do homem, ousadamente concluiu pela bancarrota da ciência. Em calma atmosfera de reflexão pôde apurar-se o que geralmente hoje se admite: que entre a ciência, tomada no sentido experimental, e a fé, não há nem pode haver fins, os seus domínios e os seus processos e métodos de trabalho;

que, entre o objecto da história, que é todo o passado humano conhecido por testemunhos, organizados num sistema de relações científicas e o objecto da religião, não pode ha-

Segue na 5.ª pág., 1.ª col.

PROGRAMA para o primeiro dia de trabalhos do Congresso

O programa para hoje é o seguinte:

As 9 h., NA SE PATRIARCAL — Missa e comunhão geral, sendo celebrante o Senhor Arcebispo de Mitilene.

As 11 h., NO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO — 1.ª reunião plenária: «Origem e evolução da Universidade», sendo relator o prof. Dr. Guilherme Braga da Cruz, da Faculdade de Direito de Coimbra. Precede a esta sessão o prof. Dr. Manuel Gomes da Silva, da Faculdade de Direito de Lisboa.

As 15,30 h., NO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO — 2.ª reunião plenária: «Fins da Universidade», sendo relator o prof. eng. Manuel Correia de Barros, da Faculdade de Engenharia do Porto. Preside a esta sessão o prof. Dr. Fernando Magano, da Faculdade de Medicina do Porto.

As 21,45 h., NO AUDITÓRIO DO INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA — Serejata pelos estudantes de Coimbra presentes no Congresso.

Aspecto da sessão inaugural do Congresso da J. U. C. — O momento em que era lida a mensagem de Pio XII



O discurso do Senhor Arcebispo de Milene

no Congresso da J. U. C.

(Continuação da 1.ª página)

ver colisões, porque a história começa por excluir dos seus quadros os dados da fé, como Deus, a Providência, a divindade de Jesus, a revelação e o milagre;

que, mesmo reduzindo a questão a mero fenómeno psicológico, o sábio não contradiz o crente, porque o espírito científico — de domínio, de crítica, de análise, de dúvida metódica — e o espírito religioso — de dependência, de adesão, de síntese, de confiança se exercem sobre valores diferentes, e até sob muitos aspectos se encontram, «como dois ramos da mesma árvore, pertencendo ao mesmo tronco (...) manifestações necessárias do mesmo princípio humano»;

que a ciência, perante certos problemas, que até por definição não resolve, — como o problema das origens, o problema da vida, o problema da finalidade dos seres, (élan original lhe chamou Bergson), o problema da dor, o problema da consciência moral, o problema do destino — pode orientar o espírito na pista de Deus, vislumbrando horizontes de fé.

Renovo cristão nas esferas intelectuais

Newman, nota-o Tiberghien, achava pouco exacta a expressão: a ciência conduz a Deus. De facto, observa justamente este Autor, para ser sábio o homem não precisa de crer, e pode embrenhar-se indefinidamente nos problemas científicos em sua direcção fundamental, sem encontrar Deus. Mas a cada passo surgem enigmas para os quais, fora da fé, não encontra solução, e tal impotência científica sobre questões essenciais do universo e do homem pode provocar o primeiro movimento no caminho da fé.

Por isso o grande matemático H. Poincaré afirmou que ao longo das fronteiras da ciência flutua o mistério, e que o mistério é tanto mais denso quanto mais a ciência avança. Como escreveu o genial dramaturgo inglês, há um mundo de problemas que não consegue resolver a nossa pobre e vã filosofia. Não admiti-los, é pecado contra a luz. Não será também pecar contra a luz confinar as causas ao que vemos e sentimos?

No seu gabinete limitado, adstrito a fórmulas geométricas, o sábio sente a falta de ar e de luz que só pela fé se consegue.

Certo é que, depois das negações formais e atrevidas do cientismo orgulhoso, se recomeçou nova caminhada no sentido espiritual. Em França, já se notou, a evolução das ideias vai do positivismo frio de Taine — o Autor que murmurou melancolicamente ao acabar a leitura de um livro célebre de Bourget «a minha época passou» — ao misticismo de Péguy, de alma sempre voltada no sentido das alturas. Em Portugal, todos o sabem, bastará recordar o caminho percorrido pelos *Vencidos da Vida* e a atitude cristã de muitos formosos espíritos do pensamento contemporâneo. Em todo o mundo livre, e até para além da tenebrosa cortina de ferro, regista-se fenómeno idêntico. O renovo cristão nas esferas intelectuais é facto a assinalar.

Névoas no céu

Cândida ingenuidade seria supor que em toda a parte se recristianizou robustamente o ambiente social. Sem falar na apostasia das massas populares, escândalo dos nossos dias, como tristemente escreveu Sua Santidade Pio XI, poderá afirmar-se com verdade que todo o alto pensamento está imprignado de convicções cristãs, ou mesmo de acatamento fortemente cristão? Nas escolas superiores, corporações de mestres e alunos, quantos são os que indefectivelmente creem? quantos os que são baptizados? quantos os que têm a vida moral em harmonia com os princípios da fé? quantos os que exercem o dever de apóstolado?

Com dados minuciosos, em aquêrto rigoroso, a «*Vie Intellectuelle*» informava, há anos, que numerosos universitários nem sequer sentiam a mais leve inquietação religiosa. Em discurso célebre, dirigido aos universitários da Acção Católica Italiana, em 20 de Abril de 1941, S. S. Pio XII, depois de se referir «à lenta obra de desagregação causada pelo humanismo paganzante, pelo livre exame, pelo vao filosofismo do século XVIII, pelo idealismo e pelo positivismo do século XIX, contra os quais grita a realidade do mundo e do homem», descreve assim o panorama actual: «quantos campos de estudo e de investigação científica se têm desenvolvido e dilatado fora de todo o contacto com o pensamento católico, sem ter em conta a revelação sobrenatural, difundindo-se num ambiente, se não sempre anti-religioso, pelo menos sem preocupações religiosas!».

Quando a centelha se fez incêndio

Longe de causar estereis desalentos, o facto deve estimular o sentido apóstolico dos universitários cristãos, cuja acção é capital na formação dos espíritos. Aliás, sempre as horas difíceis foram as horas das almas grandes. Em momento de crise aguda na vida religiosa da Universidade portuguesa, — o facto passou-se em 1901 — um grupo de estudantes destemidos desfraldou a bandeira da insurreição contra a vaga da incredulidade desdenhosa levantada por filosofia corrosiva nascida na Alemanha e na França, e surgiu o C. A. D. C., de Coimbra, que foi o baluarte glorioso do ressurgimento cristão nas camadas juvenis das nossas escolas superiores. A centelha fez-se incêndio, e hoje os Organismos da Juventude Universitária Católica, masculinos e femininos, constituem realidade robusta com a qual podem contar a Igreja e a Pátria. A esses estudantes magníficos e aos diplomados que forjam a alma nas lídres do apóstolado está reservada missão decisiva na recristianização de Portugal.

Como observa S. S. Pio XII, no documento já citado, sem esquecer a importância das massas operárias, onde brilham espíritos de primeira grandeza e operam dedicações de generosidade e heróica, «é facto patente e inegável que aos círculos universitários, às classes de cultura superior está reservado um posto singular, parte eminente na ordem social». E noutro passo: «Cérebro na vida dos povos podem dizer-se os que recebem formação universitária, os quais são os maiores ou superiores a que, a respeito da fé, se referiu São Tomás, para distingui-los dos menores ou inferiores que a eles aderem, os estudantes, os seguem, recebendo deles a verdade e a regra».

Eles formam uma *élite* espiritual de que precisa a Igreja, como proclamação da sua própria Hierarquia, para a evangelização do mundo.

Acima dos horizontes da ciência

Em palavras sumárias, resumem-se que se espera dos universitários cristãos, dentro da Acção Católica. No campo das ideias, demonstrar que o pretendo divórcio entre a ciência e a fé não passa de ilusão. Na palavra de Pio XII, têm a missão de «reestabelecer os contactos, reatar os laços, assegurar a penetração mútua dos dois mundos do saber — a alta ciência universitária e a luz revelada por Cristo».

Isto não significa, evidentemente,

que o universitário católico faça apóstolado com prejuizo dos seus deveres profissionais. A sua consciência profissional, que obriga ao cumprimento integral do dever, tem de ser aperfeiçoada pela sua consciência religiosa, que do próprio dever faz já acto de fé. Por isso, não será apenas um técnico inteligente e culto, mas um profissional exemplarmente consciencioso.

Mas, para além das observações rigorosas, das pesquisas infatigáveis, das experiências dos laboratórios, considerará todas as coisas na sua harmonia universal com Deus. Deste modo, nenhum assunto é alheio à investigação do sábio católico (e a bispo regista como cultores da vanguarda da ciência uma pleiade inumerável de católicos). Mas o sábio católico, acima dos horizontes da ciência, de espírito geométrico, possui horizontes mais amplos, com claridades de infinito, nos quais só consegue penetrar o espírito afeito aos problemas da alma, no que ela tem de mais íntimo e sagrado.

No universitário, como em qualquer outro cristão, a fé não é luz distante e fria, que brilha sem aquecer. É fogo vivo que transforma o «homem velho» pela virtude da graça que a Mensagem cristã anuncia e produz. Também para ele a fé é caminho e vida. O caminho percorre-o pelo cumprimento exacto dos deveres para com os outros e na austeridade para consigo. Habituação à ascese que o estudo impõe, tem de estendê-la a toda a sua actividade. Só pela ascese, que é lei de perfeição, conseguirá realizar-se conforme o ideal que adoptou.

O universitário católico tem de ser um Apóstolo

A vida consiste principalmente na colaboração com a graça, que o Senhor generosamente concede, sobretudo pelos sacramentos, pela oração e pelo sacrifício. Longe de dispensarem o exercício da virtude, que é esforço, muitas vezes heroico, os pergaminhos universitários mais o reclamam, porque sempre pesam as maiores responsabilidades sobre os que estão situados em postos mais altos. Os primeiros nas honras, serão os primeiros no cumprimento dos deveres mais árduos.

Mas como todo o cristão, por imposição da fé e por exigência da caridade, deve ser foco de irradiação espiritual, também o universitário será apóstolo. E é de notar que tal apóstolado, como observa Bergson, não é a simples fraternidade dos filósofos, de que se constrói uma ideia, para se fazer um ideal, nem mesmo a intensificação de uma simpatia inata do homem pelo homem. Tal solidariedade realiza-se algumas vezes, quando não há incómodo para o indivíduo e para a comunidade, mas sem paixão. Esta solidariedade do apóstolado — a palavra é do mesmo Autor — tem a sua origem no amor de Deus por todos os homens, porque, por Deus e através de Deus, o apóstolo ama toda a humanidade com um amor divino.

Tal apóstolado traduz-se na palavra — luz, inteligente e oportuna, que atinge as almas, sem ferir-las; no exemplo encorajante e construtivo que sem coacções faz apelo para as alturas; na acção sacrificada e generosa que delicadamente põe as consciências perante os problemas da vida, fazendo erguer os olhos da terra para o céu.

E de lamentar que em País de tantas tradições católicas, não haja ainda uma Universidade Católica, letrada superior de doutrina teológica e de apóstolado superior, que iluminasse e aquecesse toda a terra portuguesa — com lições, com livros, com revistas, com apóstolado.

Mas, embora tal lacuna, louvamos a Deus por possuímos hoje um escol notável de universitários católicos, de fé esclarecida e de vida irrepreensível. Poderemos dizer que é já grande o número dos universitários apóstolos, capazes de sacrificar-se para que no meio universitário e até no meio social se dilate o reino de Cristo? E a Igreja precisa destes apóstolos que, fortemente enquadrados nas Ligas e nas Juventudes universitárias católicas, procurem e encontrem a solução para os grandes problemas do universo e do homem, *sub specie aeternitatis*, e realizem acção inteligente e penetrante, junto dos seus colegas. Variadas são as profissões que exercem. Mas todos eles, conforme lembra S. S. Pio XII, possuem um vasto conjunto de conhecimentos variados e precisos; adquiriram aquela capacidade de discernimento pessoal, que é fruto de largo estudo e observação; aquele critério que gera a crítica metódica e rigorosa dos factos e das ideias; a fidelidade de dominar os problemas mais complicados e difíceis. (...) As questões que a vida quotidiana da sua profissão lhes apresenta, não são problemas de escola que possam resolver-se com a mera aplicação de fórmulas comuns, já elaboradas, aprendidas e compreendidas de uma vez para sempre; são problemas de vida activa, graves, complexos, com dados múltiplos e variáveis, que só está em condições de abordar e resolver um espírito de cultura superior».

Estas palavras tão justas mostram só por si a importância dos sectores universitários no apóstolado da Acção Católica.

Seara da esperança

Depois de muitos anos de expectativa e de sacrifícios, de um grupo generoso de jovens universitários, inaugura-se este Congresso. E como esplêndida aurora, carregada de projectos audaciosos e de claras esperanças. Mas não se conseguisse do que o árduo trabalho da sua organização e da sua realização, já seriam abençoados os sacrifícios que impôs.

Mas, para além dele, abre-se um mundo novo. Abnegada foi a sementeira. Por Deus, será abundante a messe promissora».

Palavras do Sr. Cardeal

(Continuação da 1.ª página)

Abre o Congresso nesta hora em que está nascendo um novo mundo, esse mundo que já se vislumbra. E tempo, pois, de todos sairmos das catacumbas, não direi para ocuparmos os lugares de comando mas para servir responsabilidades e assumir. Temos de estar presentes para que o mundo novo possa ser edificado na Justiça, na Caridade, no Amor, na Paz e não na escravidão humana.

Servir a Igreja é o vosso lema. E servir a Igreja não é escravidão, mas antes liberdade, porque os sacrifícios que a Igreja pede são apenas os requeridos para a edificação do homem segundo o tipo da perfeição humano-divina.

Depois, entre apiausos, Sua Eminência, acrescentou:

— Na Universidade está o expoente do saber humano, mas não está Aquele que do si mesmo pôde dizer — «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida». E quando Ele não está, falta sempre alguma coisa na inteligência ou no coração.

Vós realleais obra de redenção e redenção é a edificação do homem. Quando está esta palavra pode dizer-se que está dito tudo. Adria magnificamente este Congresso,

16/4

I Congresso Nacional da J. U. C.



(Continuação da 1.ª página)

Universitários da Acção Católica Portuguesa, reunidos em número de 1.900 no seu primeiro Congresso Nacional, sob a alta presidência do Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa e na presença do Venerando Episcopado, agradecerem comovidamente a Vossa Santidade, a augusta mensagem que por intermédio da Secretaria de Estado, se dignou de lhes enviar e protestam a sua dedicação inquebrantável à Santa Igreja e a sua filial submissão ao Vigário de Cristo.

Os presidentes (aa) Maria de Lurdes Pintasilgo — Adérito Nunes.

A Sua Excelência o Sr. General Craveiro Lopes — Lisboa.

Universitários católicos, reunidos em número de 1.900, no seu primeiro Congresso Nacional, para estudar os problemas da Universidade á luz do pensamento da Igreja, saúdam respeitosamente Vossa Excelência, afirmando o seu vivo desejo de trabalhar pelo engrandecimento da Nação portuguesa.

Os presidentes (aa) Maria de Lurdes Pintasilgo — Adérito Nunes.

O discurso do sr. Dr. Adérito Nunes

Seguidamente, o presidente-geral da J. U. C. sr. Dr. Adérito Nunes usou da palavra.

Começou por justificar os motivos da organização do Congresso sobre a Universidade, exaltando-a simultaneamente, como centro de formação do escol de um País e como ponto da mais elevada concentração de Saber.

O orador falou desenvolvidamente da natureza, da missão e da responsabilidade social da instituição universitária; falou também do que a Universidade deve ser, em ordem á formação do grupo que nela se prepara para as tarefas de comando social e das qualidades que esse grupo deve possuir. Fez judiciosas considerações acerca da ciência, da cultura e do profissionalismo e do lugar que cada um destes elementos deve ocupar na Universidade e terminou dizendo:

«Por conseguinte, estudar o problema da Universidade á luz do pensamento católico — que não é mera hipótese ou uma teoria qualquer da realidade, mas adequada expressão humana da verdade absoluta e eterna — é colocá-lo na perspectiva que realmente lhe convém, em particular nestes tempos em que os erros terríveis do materialismo e do naturalismo evidenciam a vacuidade de uma filosofia construída sob fundamentos puramente humanos» e provam a razão que assiste a Moisés quando afirma que todo o pensamento que negue a interna e essencial conexão com Deus de tudo o que se refere ao homem ou prescindindo dela, segue um caminho falso e, enquanto com uma das mãos

constrói, com a outra prepara os meios que, tarde ou cedo, poderão ser perigo ou destruição.

O discurso do sr. Prof. Dr. Fernando Magano

Depois de terem sido lidos telegramas dos Prelados portugueses que não se encontravam presentes; das Universidades católicas de Itália e do Brasil e dos estudantes lituanos exilados, foi dada a palavra ao sr. prof. Dr. Fernando Magano, vice-reitor da Universidade do Porto e professor da Faculdade de Medicina daquela cidade, que começou por salientar a importância do Congresso, dizendo:

— Quem quer que se debruce um pouco sobre a vida da Universidade, facilmente dá conta de que há um mal na Escola.

E depois de se referir a certas condições do ensino científico, disse:

— Delineado para uma certa época histórica, tem-se a impressão de que tal esquema está fora do nosso momento — e sobretudo tem-se quase a certeza de que na sua organica actual, a Escola não servirá para os momentos que aí vêm.

E a terminar o orador disse:

— Mas o «específico carácter» desta nossa hora, é que os claustros se situam no amago das multidões e é aí, aí mesmo, que haverá que semear a verdade, dizendo a palavra lúcida, exemplificando com acções.

A palavra da Igreja, que primeiro se dirige á consciência, ao animico de cada um, envolve logo por sua mesma definição e carácter, a comunidade dos homens.

Quando dizeis que servis a Igreja, desenhais o mais nobre programa da juventude. Viver plenamente a sua hora, vivendo sinceramente a lei do Senhor.

A nossa hora é esta; a lei está na Igreja.

A Universidade diz o saber da hora, a Igreja ensina o saber de sempre. A Escola esclarece o viver; a Igreja enobrece a vida. A primeira é o momento; a segunda é o sempre.

Vivamos, então, conscientemente o nosso momento confiadamente para sempre.

Fala o Senhor Arcebispo de Mitilene

Levantou-se depois o Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro que proferiu um notável discurso que publicamos na íntegra noutro lugar do nosso jornal.

Palavras de Sua Eminência

A encerrar a sessão, Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca proferiu algumas palavras que noutro lugar publicamos.

Quando terminou a assistência irrompeu em calorosos aplausos que se prolongaram até o Eminentíssimo Purpurado sair do edificio do Instituto.

777

As decorações do salão onde se efectuou a sessão inaugural do Congresso estiveram a cargo da Agência Barata.

A chegada dos congressistas da provincia e do estrangeiro

Com a chegada a Lisboa num comboio especial, de cerca de 800 rapazes e raparigas da J. U. C., eleva-se a cerca de 2.000 o número de congressistas, que vem tomar parte nos trabalhos do I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, entre os quais se vêem algumas Irmãs religiosas que frequentam as três Universidades do País.

A tarde de ontem, no Instituto Superior Técnico, onde vão realizar-se as sessões de trabalhos, foi ocupada na recepção aos congressistas que chegaram do Norte.

Os do Porto vinham acompanhados pelos Senhores Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes; vice-reitor da Universidade, Prof. Dr. Fernando Magano; Prof. Eng. Correia de Barros, director da Faculdade de Engenharia e presidente da direcção diocesana da Acção Católica; Prof. Lopes Rodrigues, da Faculdade de Farmácia; Prof. Dr. Santos Júnior, da Faculdade de Ciências; cônego Dr. Joaquim Manuel Valente, assistente diocesano da A. C. e da J. U. C.; rev. Ramero Vila Vila, assistente adjunto da A. C.; e rev. Castro Meireles, secretário do Prelado diocesano.

Durante o dia, centenas de inscrições foram rejeitadas, por falta de tempo para alojamentos dos retardatários.

Encontram-se também já em Lisboa, as representações estrangeiras, nomeadamente o secretário-geral do Movimento Internacional dos Estudantes Católicos «Pax Romana»; os representantes da Universidade de Pernambuco; da Universidade Católica do Paraguai; da Federação Francesa dos Estudantes Católicos, e da Universidade de Salamanca.

A Voz
(16-4-53)



Fundação Cuidar o Futuro